

Anna Luiza Freire

**O RASTRO
do seu
sangue**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



E escrever este livro foi uma experiência e tanto. Sensorial, porque me lembrei das vezes que fui ao Aeroclube quando criança e me trouxe boas lembranças. Particular, porque é o meu primeiro livro e, da mesma forma que me deixou muito aflita, me deixou muito feliz porque consegui terminar e publicá-lo.

Nos anos 90, eu ainda era uma criança, mas tenho certeza de que a adolescência nessa época foi muito boa. Talvez eu seja uma antiquária escondida, mas a internet discada, o Windows 97, a MTV, os desenhos animados ou o computador com monitor de tubo me trazem boas memórias.

Neste livro, a história se passa numa Salvador de 1994, há nomes de músicas, de livros, de programas de TV, de lugares... com certo equilíbrio, é claro,

que remetem à época. Coloquei-os na intenção de que vocês, se quiserem, possam entrar na época dos anos de 1990 por outras vias, além da visão deste livro (1994 e 1995). Uma experiência sensorial. Quase todos os fatos inseridos na narrativa estão cronologicamente postos, com exceção do Aero clube de Salvador, que foi construído em 1999, mas na história já existe.

É uma história cotidiana. Então, puxem uma cadeira, sentem-se o mais confortável possível e, de vez em quando, fechem os olhos, que este livro terá cheiro e gostos diversos.

Se conhecem a cidade de São Salvador, irão sentir o cheiro de maresia soteropolitana. Mas, se não conhecerem, esse é um convite para que o façam.

A.L.F.

“As recordações que enterramos no silêncio são as que nunca deixam de nos perseguir”

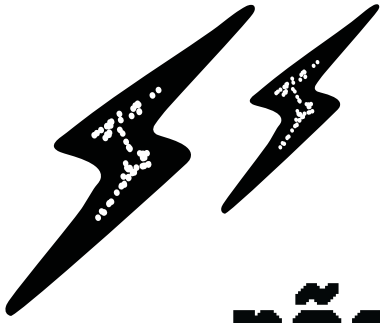
Carlos Ruiz Zafón

“A leitura é diferente da vida porque a vida é cheia de detalhes, mas de maneira amorfa, e raramente ela nos conduz a eles, enquanto a literatura nos ensinar a notar”

James Wood

gLauber





não Faça nada de ERRADO, GLAUBER

Janeiro de 1994

Era janeiro. Fazia um calor que beirava o insuportável em Salvador. Como sempre, estava cheia de turistas que movimentavam alguns bairros e pontos turísticos da cidade. Glauber acabara de chegar da praia. Entrou em casa batendo a porta, deixou os chinelos na cozinha e saiu espalhando a areia que estava grudada em seu corpo e na bermuda. Fechou a porta de seu quarto atrás de si, não sem antes ouvir sua mãe reclamando: “Glaubinho! O que custava ter tomado uma ducha lá embaixo, querido? A casa está toda suja agora! A culpa é minha... Eu te mimo muito!”

Assim que entrou no chuveiro, abriu a água fria e deixou que aliviasse o calor. Enquanto se enxugava, sua imagem estampava-se no espelho. Um garoto extremamente convencido, o que não chegava a ser ruim, já que o sorriso cativante era o disfarce perfeito para conseguir o que queria. E sempre conseguia. Sentou-se no sofá já gritando “Ciça” e ordenando que ela fizesse algo para que comesse. A TV transmitia um episódio de *Friends*, prendendo a atenção de Glauber.



Dentro de si havia uma ansiedade típica, pois à noite iria para o *Rock in Rio Café*. Esse lugar era o *habitat* natural do jovem soteropolitano. Unia todas as tribos com os inúmeros *shows* de todos os estilos. Naquela noite, o *show* era de *rock*. O *Rock in Rio* ficava dentro do Aeroclube de Salvador, um dos locais mais divertidos da capital. O lugar era para todos os gostos, de restaurantes chiquérrimos até bar com cerveja barata.

Márcia se sentou ao lado do filho e acariciou seu rosto. Os cabelos negros, na altura dos ombros, ainda estavam molhados, e a pele negra exalava cheiro de sabonete. As mãos pequenas passavam pelo rosto do filho, e os lábios carnudos estampavam um sorriso ao olhá-lo. Não era tão jovem, mas conservava uma beleza peculiar para a idade que tinha. Os olhos sempre atentos ao filho. O garoto era a estrela da mãe. Rodrigo, seu marido, advertia: “Você mimas demais esse garoto... Nem parece que tem outra filha!”. Glauber falava de si e a mãe não cansava de ouvir. Já era noite quando ele beijou o rosto dela e foi para o quarto se vestir. Ao mesmo tempo que o filho caminhava em direção ao corredor, Márcia começou as recomendações que ele já sabia de cor e, por isso, nem sequer deu muita atenção.

Passou o pente fino no cabelo e depois o arrumou com as mãos, sorrindo para si. Antes de sair, espalhou beijos pelo rosto da mãe, que retribuiu, depositando parte do batom em suas bochechas. Durante o tempo de espera pelo elevador, Glauber ouvia todas as recomendações da mãe pela vigésima vez e prometia que não entraria em nenhuma confusão.

Lá embaixo, estavam seus amigos Jonathan, Nathália e Felipe. Era o quarteto inseparável. No caminho, os quatro estavam

claramente animados. Nathália cantarolava “Janaína”, do Biquini Cavado, Jonathan ensaiava “Lanterna dos Afogados”, dos Paralamas do Sucesso, a sua banda preferida. Felipe murmurava a letra de “Meu Erro”, também dos Paralamas do Sucesso e, no fundo do carro, observando a orla marítima de Salvador, estava Glauber, que cantava baixinho “Tempo Perdido”, de Legião Urbana.

O Aeroclub já estava cheio, era um dos locais favoritos dos soteropolitanos aos fins de semana. Havia crianças brincando no chafariz, algumas outras, mais velhas, brincavam no *kart*, que estava com uma fila de espera imensa. Famílias brincavam no boliche e outras estavam sentadas nos inúmeros restaurantes. Glauber procurava alguém com os olhos, o que deixou Nathália levemente irritada.

— Glaubinho, vai passar um vento e você vai ficar zarolho de tanto que mexe esses olhos.

— Tô procurando a Cláudia. Você a viu? Ela vem?

— Não sei. Ela é meio chata. É bem capaz de não vir! Vai dizer que não gosta do cheiro de cerveja, do cheiro de cigarro...

Glauber nem deu ouvidos, sabia que Nathália não gostava muito de Cláudia porque a garota era considerada “careta”. Quando a frente da casa de *show* já estava cheia, os seguranças tentavam organizar a entrada dos jovens. Nathália estava junto com Felipe, fumando um cigarro, esperando abrir a porta. Do seu lado, estava Glauber, que conversava com Jonathan sobre a suposta *playlist* do *show*.

Do outro lado estava Juliano. Um rapaz com feição cansada e de olhos miúdos, que se escondiam por detrás de uns óculos velhos de prata com um esparadrapo na perna esquerda. Caminhando em direção ao local do *show*, observava as crianças

correndo no pátio do Aeroclube. O cabelo curto, recém-cortado, combinava com o nariz pequeno, mas destoava da testa ampla. Os lábios finos e a boca meio aberta davam o ar de quem queria falar algo, mas não sabia como ou o porquê. Assim como todos ali, estava ansioso para o *show*. Tinha ido poucas vezes ao Aeroclube, conhecia pouco aquele lado da cidade, mas passou o mês inteiro economizando para comprar o ingresso. O coração de Juliano estava acelerado, parecia um menino que nunca tinha visto a cidade. O bairro dele era bem diferente daquele que ele estava vendo. As cores, os cheiros e as vozes o destoavam da realidade.

Cláudia caminhava apressadamente e os olhos da cor de um céu de verão captavam tudo a sua volta. As mãos finas tocavam o corpo à procura da chave de casa, mas, quando viu o aglomerado de gente em frente à porta do *Rock in Rio*, desacelerou o passo. A tatuagem abaixo do ombro e as roupas escuras davam um ar mais sério do que tinha. Os cabelos louros brilhavam ao pôr do sol e ela fazia uma sombra em seu rosto com a palma da mão.

O final de tarde no Aeroclube era de admirar. Por se tratar de um lugar ao ar livre e ser próximo à praia, o sol fazia um espetáculo e tanto. Todo pôr do sol de lá revigorava e de longe se ouviam os guias turísticos, que enalteciam o lugar: “esse pôr do sol não se vê em lugar nenhum”, tentavam falar em inglês. Era exatamente o que Cláudia observava quando esbarrou em Juliano.

— Me perdoe! — exclamou, segurando-o pelos ombros para evitar que caísse.

Cláudia pousou os olhos preocupados em Juliano. O rapaz devolveu com um olhar curioso entre o sinal do seu queixo e os seus olhos hipnotizantes.

